

# O RISO REDENTOR NO NOVO TESTAMENTO: EXPERIÊNCIA CÔMICA E TRANSCENDÊNCIA NOS TEXTOS NEO- TESTAMENTÁRIOS\*



Francisco Benedito Leite\*\*

*Resumo: o presente ensaio contém uma proposta de leitura crítica de O Riso Redentor de Peter Berger, obra na qual nos dedicamos a entender a abordagem que o autor faz do material do Novo Testamento para construir sua teoria sobre a relação entre a transcendência e a comicidade. Em seguida, realiza-se no artigo uma avaliação crítica dessa leitura que Berger fez dos evangelhos e de textos do apóstolo Paulo. Para que essa avaliação fosse realizada, utilizamos a obra Humor escrita recentemente por Terry Eagleton, que chega a conclusões significativamente semelhantes ao conteúdo proposto por Berger em seu livro, sobretudo, no que diz respeito à relação entre transcendência e comicidade.*

Palavras-chave: *Riso. Comicidade. Berger. Novo Testamento. Transcendência.*

O presente ensaio propõe um estudo sobre o livro de Berger (2017) intitulado *O Riso Redentor*. Por meio do estudo que realizamos dessa obra, analisamos com especial atenção a leitura que o sociólogo fez do Novo Testamento para construir sua teoria sobre a relação entre comicidade e transcendência. O conteúdo de nosso artigo divide-se em três partes. Na primeira delas, situamos brevemente a relação de *O Riso Redentor* com outras obras do mesmo autor. Na segunda parte, repassamos a construção teórica feita por Berger como se estivéssemos realizando uma resenha crítica de seu livro. Por fim, na terceira parte, realizamos uma avaliação crítica do uso que Berger fez dos textos neo-testamentários para propor sua teoria sobre o riso redentor.

Entendemos que é uma tarefa importante situar a teoria do riso redentor dentro da obra

\* Recebido em: 29.02.2022. Aprovado em: 08.04.2022.

\*\* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. *E-mail*: ethnosfran@hotmail.com

de Berger, pois assim é possível verificar que o livro estudado não se trata de um apêndice ao seu pensamento. Pareceu-nos igualmente importante conhecer o modo como Berger conceitua o riso e seus elementos associados em diálogo com os pensadores que refletiram sobre o assunto anteriormente, por isso valorizamos a discussão teórica que está contida no livro analisado. Quanto à avaliação crítica da leitura que Berger (2020) faz do Novo Testamento, que está na terceira parte de nosso ensaio, fizemo-la, sobretudo, por meio do livro *Humor*, de Terry Eagleton, que evoca a teoria do carnaval bakhtiniano para compreender a conexão existente entre os evangelhos e o cômico.

A avaliação crítica da teoria do riso redentor de Berger e o aprofundamento possível em seu conteúdo, que pode ser feito à luz da proposta de Eagleton e do conhecimento da teoria do carnaval bakhtiniano, revelarão uma fértil proposta hermenêutica para a leitura do Novo Testamento.

### O RISO REDENTOR DE PETER BERGER

Não ignoramos que *O Riso Redentor* não figura entre os livros mais importantes de Berger (2017), pois desse autor tornaram-se notórias as obras: *A Construção Social da Realidade* (1974), que renovou a perspectiva da área denominada sociologia do conhecimento – texto que foi escrito em coautoria com Luckmann; e *Um Rumor de Anjos* (1973), obra na qual se propõe a redescoberta do sagrado na sociedade moderna.

Sabe-se que tanto *A Construção Social da Realidade* (1974) quanto *Um Rumor de Anjos* (1973), e poderíamos acrescentar *O Dossel Sagrado* (1985), são as obras de Berger mais conhecidas pelos estudiosos de sociologia da religião no Brasil, pois as propostas expostas nesses livros são abrangentes no que diz respeito ao domínio da área de estudo, enquanto em *O Riso Redentor* (2017) aborda-se um aspecto fenomênico muito mais restrito da realidade.

Na verdade, pode-se observar que a teoria fundamental sobre o riso redentor está contida, embora de forma resumida, em *Um Rumor de Anjos* (1973). Podemos afirmar isso por dois motivos, em primeiro lugar porque o riso é apresentado como um elemento que aponta para o transcendente em ambas as obras, e, em segundo lugar, porque, como o riso é atrelado à manifestação do elemento religioso (o transcendente), os mesmos argumentos que se aplicam à religião aplicam-se também à comicidade e todos os elementos correlacionados a ela.

*A Construção Social da Realidade* (1974), como se insere numa proposta de renovação de perspectiva sobre a sociologia do conhecimento, apresenta a ideia da constituição do mundo composta por múltiplas realidades. No caso, quando lê *O Riso Redentor* (2017), o leitor que está acostumado com os conceitos de Berger integrará o conhecimento obtido nas diferentes obras escritas pelo autor, pois nessa última obra o riso é apresentado fundamentalmente como um interlúdio da chamada realidade suprema.

A importância da obra de Berger que acessamos nesse ensaio não está em sua originalidade, uma vez que sua principal proposição teórica é presumível pela leitura

de outros livros seus que são mais conhecidos. Ao invés disso, o interesse sobre *O Riso Redentor* (2017) recai sobre a integração feita ao material do Novo Testamento. Isso significa que além de uma abordagem instigante do material neotestamentário, também se realiza nesse livro uma proposta teórica sobre a compreensão do riso que passa pela leitura dos evangelhos e dos textos do apóstolo Paulo.

Embora as menções aos textos paulinos e aos evangelhos estejam espalhadas ao longo do volume da obra de Berger e não haja uma parte do livro dedicada exclusivamente para seu estudo, nem uma proposta de compreensão sistemática do Novo Testamento, as citações bíblicas presentes aqui e acolá, as quais são comentadas à luz da teoria do riso, permitem acessar uma leitura renovadora que o estudioso faz sobre o Novo Testamento.

Apesar de renovadora, como apontaremos, a perspectiva de Berger sobre o Novo Testamento não é idiossincrática, pois uma avaliação crítica da proposta teórica apresentada por Berger e de sua leitura do Novo Testamento apontam para interpretações convergentes feitas por outros estudiosos.

#### O RISO COMO EXPERIÊNCIA TRANSCENDENTE NA TEORIA DE BERGER

Em sua obra *O Riso Redentor*, Berger (2017) apresenta a comicidade e os efeitos relacionados a esta como uma das experiências de transcendência, cuja permanente e persistente manifestação continua a se realizar em plena era moderna, em que tanto se fala, pela boca de filósofos e humanistas, de morte de Deus, pós-cristianismo, evasão do sobrenatural e outros termos que expressam consequências previstas para os efeitos do avanço da secularização no mundo contemporâneo.

Na verdade, Berger (1973) já havia apontado para a transcendência da comicidade na sociedade moderna em um livro de sua autoria que é mais conhecido pelos estudiosos brasileiros de Sociologia da Religião, trata-se da obra *Um Rumor de Anjos*. No entanto, no livro mencionado a explicação sobre a comicidade como expressão do transcendente e a própria definição do riso e da comicidade são lacunares. O riso e seus efeitos apenas figuram ao lado de outras experiências humanas transcendentais que se manifestam continuamente no mundo secularizado. Só podemos nos aprofundar no significado do que Berger (2017) quis dizer estudando *O Riso Redentor* em toda sua extensão.

Como *O Riso Redentor* tem seu conteúdo dedicado ao que se descreve em seu subtítulo, isto é, “A dimensão cômica da experiência humana”, Berger (2017) expressa com bastante densidade e fartura de exemplos aquilo que tinha sido apenas esboçado sobre o riso e seus efeitos em sua obra escrita anteriormente. Então, por sua vez, no centro de *O Riso Redentor* (2017) está uma pormenorizada descrição da definição do riso, de suas principais formas e de sua transcendência. Para chegar aos resultados pretendidos por Berger, estão implicados em sua teoria outras formas de transcendência e uma concepção

sobre o transcendente e a Teologia que não é amplamente aceita pela Sociologia da Religião, mas que são conceitos que também estão bem definidos em *Um Rumor de Anjos* (1973) e integram o pensamento de Berger e também de Luckmann, como podemos verificar em *Religião Invisível* (2014), e na obra escrita pelos dois autores *A Construção Social da Realidade* (1974).

No que diz respeito a *Riso Redentor* (2017), que é o livro sobre o qual nos debruçamos, seu conteúdo está dividido em três partes. Na primeira define-se humor, riso, cômico e outros conceitos relacionados a partir dos estudos que Berger considera serem de maior relevância sobre o assunto. Na parte dois, são apresentadas as variedades do cômico. Por fim, na terceira parte, Berger apresenta “o riso redentor” propriamente dito, que aparece como resultado de sua concepção crítica em vista das análises feitas por ele sobre o assunto conforme foi estudado pelos eruditos abordados, em suas diversas formas de manifestação. Como já foi mencionado, o riso é transcendente na concepção de Berger (2017, p. 311ss), e por isso o sociólogo entende que há “uma teologia do riso”.

Assim, observamos que na primeira parte do livro de Berger (2017, p. 27-176), intitulada “Anatomia do cômico”, trecho que corresponde a mais da metade do volume da obra, é dada uma resposta à *petitio principii* para a questão que sempre se realiza novamente sobre o significado da comicidade, que apesar de ser um tema recorrentemente retomado entre estudiosos das humanidades, não tem alcançado definições amplamente aceitas nem que perdurem gerações e sejam interdisciplinarmente validadas.

No domínio teórico sobre o qual Berger discutiu nesse livro, são mais conhecidas entre os estudantes brasileiros obras como: *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente*, de Freud (2017) *O Riso*, de Bergson (1983); *Homo Ludens*, de Huizinga (2019); e *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Bakhtin (2010).

Recentemente, foi publicada e traduzida para a língua portuguesa, a obra *Humor*, de Eagleton (2020), que, ao que tudo indica, é um dos livros mais importantes sobre o assunto em língua portuguesa, uma vez que, dada sua publicação recente, o conteúdo do livro retoma as principais propostas discutidas sobre o assunto em textos escritos anteriormente.

Vamos discutir criticamente o modo como Berger tratou, sobretudo, essas obras que são conhecidas no Brasil, às quais temos acesso e, com menor propriedade, apresentaremos de passagem as menções feitas a outras obras que não estão acessíveis para nós nesse momento, a saber, as reflexões teóricas elaboradas por Schütz (1964 *apud* BERGER, 2017), Plessner (1970 *apud* BERGER, 2017) e Ziv (1984 *apud* BERGER, 2017).

De antemão vale a pena destacar que *Humor*, de Eagleton (2020), só foi publicado depois do falecimento de Berger, por isso trataremos da concepção sobre a comicidade que está nesse livro e de sua relação com a proposta de Berger mais adiante nesse ensaio. Também devemos mencionar previamente, que na época em que Berger escreveu seu livro sobre o riso os estudos sobre Bakhtin

ainda não tinham avançado suficientemente, de modo que o autor russo pudesse ser compreendido a partir de seu próprio pensamento. Naquela época, a maioria das interpretações das obras de Bakhtin que foram feitas no Ocidente eram intermediadas por conjecturas feitas a partir do Formalismo Russo, da Psicanálise e da Análise do Discurso francesa, e isso acabava por obscurecer a expressão do pensamento propriamente bakhtiniano, que, na verdade, como tem sido demonstrado recentemente, tem sua matriz no neokantismo e na linguística russa (BRANDIST, 2012).

Do filósofo Alfred Schütz (1964 *apud* BERGER, 2017) – do qual não tivemos acesso direto à obra citada por Berger – são destacados os conceitos de “realidade suprema” e “províncias finitas de significado”. Tanto o primeiro quanto o segundo conceito são muito importantes para o pensamento de Berger, inclusive aparecem como elementos estruturais para a compreensão de sua teoria mais importante, sobre sociologia do conhecimento, a qual está exposta, sobretudo, em *A Construção Social da Realidade* (1974) – obra escrita em coautoria com Thomas Luckmann. A ideia que se propõe por meio desses conceitos é a da existência de múltiplas realidades, dentre as quais uma, a chamada “suprema”, sobrepõe-se às outras, que são subuniversos da primeira. O riso, a comichão, assim como a religião e o sonho, é uma dessas realidades restritas que fazem parte da existência humana.

Relacionada a esta concepção de realidades particulares está a valorização dada por Berger à teoria do historiador holandês Huizinga (2019), de acordo com a qual, a origem da cultura está relacionada com o jogo. Mesmo que Berger tenha um ponto de vista crítico sobre essa perspectiva histórica, ele valoriza a proposta por causa de sua compreensão da autonomia do jogo, que é bem definida pela palavra “*interlúdio*” (BERGER, 2017, p.46), e assim como o conceito de “províncias finitas de significado” serve para entender o riso como uma manifestação com duração limitada dentro de uma estrutura mais ampla reconhecida como realidade.

Na obra de Freud (2017), *O Chiste e sua relação com o Inconsciente*, na qual o humor é uma subcategoria do cômico, Berger destaca a afinidade existente entre piadas e sonhos, de acordo com a proposta feita pelo pai da Psicanálise. Segundo esse raciocínio, o humor proporciona os meios para superar restrições e acessar fontes de prazer que não são acessíveis de outra maneira. Sonhos e piadas são caracterizados por significativa economia de esforço, contração e brevidade. Tendo essas definições vindas de Freud, Berger afirma que a noção de Freud sobre o humor é uma extensão de sua teoria sobre os sonhos.

No que diz respeito ao texto intitulado *O Riso*, de Bergson (1983), Berger afirma que essa provavelmente foi a mais importante obra filosófica escrita sobre o assunto no século XX, mesmo assim, seu esquema não pode compreender todas as expressões do humor. Pelo lado positivo, Berger aponta a definição que Bergson fez do riso como fenômeno estritamente humano e a característica antisséptica do riso, isto é, a repelência a qualquer outro sentimento proporcionada no momento do riso. Mais importante que as demais características

atribuídas ao riso é a concepção que Bergson tem sobre a incongruência. Nesse caso, por exemplo, o cômico acontece quando o corpo não acompanha a mente, o que está associado à surpresa.

Também parece importante mencionar a referência que Berger faz a um ensaio de Helmut Plessner (1970 *apud* BERGER, 2017), de acordo com o qual, diferenciam-se o sorriso e o riso, porque enquanto um se caracteriza pelo controle e contenção o outro se caracteriza pelo colapso. O primeiro coloca o indivíduo sobre a situação que o envolve, seja um momento de infelicidade ou de fortuna. O riso, apesar de suas variedades, revela a característica essencialmente humana daquele que é acometido por seus efeitos.

Por fim, da lista de referências de Berger que nos interessa nesse momento, também há a menção ao psicólogo israelense Avner Ziv (1984 *apud* BERGER, 2017), que destaca o aspecto da agressividade relacionado com a comicidade. Essa concepção é acolhida criticamente por Berger, que, sem negar sua existência em momentos determinados, atenua a violência inerente ao riso, e entende que não é possível uma associação unilateral entre riso e violência. Todavia, o sociólogo reconhece ao longo de sua obra que “a sátira é o uso deliberado do cômico com a finalidade de atacar” (BERGER, 2017, p.269), mas que ainda não define a comicidade em todas as suas expressões.

No que toca a Bakhtin, Berger (2017, p.159) assume em nota de rodapé sua falta de conhecimento aprofundado sobre o autor russo. Revela tanto conceitos que hoje em dia não são aceitos, como a existência de uma “escola Bakhtin”, quanto o alinhamento dessa escola à análise do discurso. Todavia, Berger destaca na obra de Bakhtin o idioma do “riso carnavalesco”, que, apesar de ser caracteristicamente episódico, proporciona o igualitarismo, o festejo coletivo e a ambivalência. De acordo com a compreensão do sociólogo, o idioma do riso carnavalesco bakhtiniano se manifestou marginalmente em festas populares, em rituais de rebaixamento e composições verbais diversas.

Berger traz muitos outros conteúdos para discutir a anatomia do cômico, os quais não foram abordados por nós porque não têm significados relacionados com a argumentação que sustentaremos a seguir. Interessa-nos mais a parte teórica da obra de Berger do que a descritiva, por isso demos mais atenção às referências feitas aos intelectuais supramencionados e nos reduzimos a tratar da segunda parte de *O Riso Redentor* (2012) apenas mencionando que nela, como se expressa por seu título, há a descrição das “Formas cômicas de expressão” (2017, p.177-310). Aí são tratados o humor gentil, a tragicomédia, a sagacidade, a sátira e o eterno retorno da loucura. Diga-se de passagem, a obra *Comicidade e Riso* de Vladimir Propp (1992) contém a descrição de uma variedade mais extensa de formas do cômico, as quais são tratadas de modo mais concreto, uma vez que os exemplos literários permitem ao leitor se situar melhor diante do fenômeno.

Quanto à terceira parte de *O Riso Redentor*, Berger (2017) chega à associação entre comicidade e transcendência a partir da aplicação dos resultados alcançados na pesquisa sobre o cômico ao conteúdo da teologia. Isso é possível, porque

de acordo com as leituras que Berger fez, comicidade e religião são igualmente marcadas pelas mesmas características.

Retomemos os resultados aos quais Berger chegou por meio de suas leituras sobre o cômico na primeira parte de seu livro. De acordo com seus argumentos, a comicidade é entendida como um evento temporário que se manifesta ocasionalmente – na maioria das vezes de surpresa – na completude da realidade vivida cotidianamente. Ao menos é isso que expressaram Schütz, com a ideia de “províncias finitas de significado” (1964 *apud* BERGER, 2017), e Huizinga (2019) com o termo “Interlúdio”, para apontar para compreensões significativamente semelhantes. Freud (2017), por sua vez, também entendeu que o cômico é uma eventualidade momentânea, mas acrescentou que se caracteriza por compensar os desejos não realizados. Bergson (1983) propôs que a causa da comicidade é a automação, que em determinados momentos realiza-se de modo incongruente e repele qualquer outro sentimento quando acomete um indivíduo. O entendimento de Bergson, no que diz respeito à automação, não está distante da associação que Plessner (1970 *apud* BERGER, 2017) fez do riso com o descontrole e que Ziv (1984 *apud* BERGER, 2017) fez com a violência, apesar de Berger estar convencido de que o descontrole e a violência estão relacionados apenas com manifestações particulares do cômico, como a sátira e o escárnio, por exemplo. A compreensão de Bakhtin sobre o riso, ao menos sobre o riso carnavalesco, é caracterizada por sua eventualidade episódica, como ocorreu a outros pensadores, mas o intelectual russo acrescentou o igualitarismo, a manifestação coletiva, a ambivalência e a marginalidade.

O que chama atenção é que todas essas características do riso também servem para qualificar a religião, que na teoria mais ampla de Berger, sobre a construção social da realidade, também é apontada como uma das províncias finitas de significado, assim como afirmou sobre o riso, Tanto uma quanto o outro são designados como um interlúdio colocado na experiência de vida da realidade suprema que se manifesta para compensar as infelicidades e as dúvidas existências insuperáveis que os indivíduos têm, sobretudo, as que estão relacionadas com o sentimento de solidão e o medo da morte.

Dessa fissura proporcionada na realidade pela comicidade e pela religião, não se distancia o onírico, a fantasia, como elemento que aponta para outra realidade que não é a da vida real, a qual proporciona satisfação em vista de uma existência fadada ao falecimento, do qual toda vida individual se aproxima a cada segundo que passa.

Como visão de mundo, a religião automatiza o comportamento humano. Na linguagem marxista clássica, a religião forma a falsa consciência, sem que o indivíduo se dê conta disso. No entanto, mesmo sem tomar essa perspectiva tipicamente negativa sobre a religião, pode-se dizer apenas que as concepções sobre o elemento religioso são antinômicas para os fieis. Isto é, as diferentes formas de crença que os diferentes indivíduos possuem repelem-se mutuamente.

De acordo com as palavras do próprio autor:

*O que, para a fé, é a realidade última (ens realissimum), para a mente incrédula, é uma fantasia; inversamente, a dura realidade de uma visão de mundo mundana é, aos olhos da fé, uma fantasia efêmera (BERGER, 2017, p.327).*

Nesse sentido, a religião está associada a uma das manifestações do cômico, que é a loucura. Berger traz exemplos do Novo Testamento nos quais o apóstolo Paulo afirma, por exemplo, que “a palavra da cruz é loucura” (I Co 1.18), que “Deus escolheu as coisas loucas desse mundo” (I Co 1.27) e que “somos loucos por amor a Cristo” (I Co 4.10).

O reconhecimento dessa loucura faz parte do modo como o cristão se situa diante do paradoxo que se manifesta na cristologia, na qual se revelam as imagens contraditórias, por um lado, do profundo rebaixamento do filho de Deus, mostrado, sobretudo, pela crucificação; e, por outro lado, na suprema exaltação do Cristo sobre toda criatura existente, até que se colocou a direita de Deus Pai. A narrativa do caminho do rebaixamento à exaltação é chamado de *kenosis*, que significa “esvaziamento”. Na verdade, Cristo procede com o autoesvaziamento de sua divindade. Na Bíblia, a melhor expressão dessa doutrina está em Filipenses 2.5-11. Crer que a salvação foi dada à humanidade por meio desse processo exige certa suspensão do raciocínio estritamente lógico e poderia ser associado à loucura, como explica Berger (2017, p.323).

Além dessas referências ao apóstolo Paulo, Berger também menciona Jesus. Segundo o sociólogo, em pelo menos duas passagens bíblicas – a saber, sua entrada em Jerusalém e na zombaria que sofre dos soldados romanos antes de sua crucificação, que Berger nomeia de cena da “falsa majestade do bacanal” – manifesta-se a loucura sagrada relacionada com Jesus (BERGER, 2017, p.315).

Diz ainda o seguinte sobre esse assunto:

*Nos ensinamentos de Jesus, como narrado nos evangelhos, não há nenhuma referência direta a algo que possa ser chamado de loucura sagrada. Mas a afirmação reiterada de Jesus, de que deveríamos tentar ser como crianças, e a sua declaração de abençoar aqueles que são pobres de espírito transmitem ideia semelhante à de que há uma simplicidade superior à sabedoria mundana (BERGER, 2017, p.315).*

Na sequência dessa argumentação, Berger apresenta vários exemplos de loucos, como, por exemplo, Francisco de Assis entre outras tradições populares de exaltação à loucura que se manifestou na Idade Média e na reiterada aparição do tema da “loucura sagrada” na cultura russa, sendo que a expressão do maior exemplo desse lugar comum está em *O Idiota*, de Dostoiévski. No entanto, sem querer entrar nesse ou em qualquer outro exemplo específico, podemos



resumir o argumento pela compreensão de que todo crente, todo aquele que tem fé partilha dessa loucura. Assim, podemos ler em *O Riso Redentor*:

*Caso seja assumida a atitude da fé, que admite realmente a existência de Deus, a loucura é também algo mais – a saber, um reflexo indefinido do que está além ou detrás deste mundo, um jogo de sombras da realidade divina [...] a loucura agora é vista como prelúdio à superação do mundo empírico (BERGER, 2017, p.325)*

Por meio desse excerto, Berger expressa que a fé proporciona a transcendência, no sentido em essa palavra aponta para a existência de “*uma outra realidade*”, o que é mencionado com clareza em *Um Rumor de Anjos* (BERGER, 1973, p.14). Como essa transcendência da qual Berger fala, é explorada pelo estudioso no âmbito do domínio que ele chama de Sociologia do Conhecimento, será necessário compreendê-la no âmbito da sociedade em que o indivíduo está inserido. É necessário compreender sua cosmovisão, a qual é socialmente compartilhada. A fé causa alterações nessa noção de realidade, como Berger mesmo menciona:

*O ato de fé traz consigo uma mudança no peso da realidade. A realidade suprema da vida cotidiana é relativizada; inversamente, a província finita de significado específica, à qual a fé pertence, é absolutizada. É necessário dizer que ela é finita somente na perspectiva da realidade suprema (BERGER, 2017, p.326)*

Aí chegamos finalmente à conclusão de Berger. Sua ideia é que o riso remete a dois tipos de transcendência, sem que um esteja relacionado com o outro. O primeiro é uma superação menos significativa da realidade ordinária, na qual não há implicações religiosas envolvidas, trata-se de uma transitória suspensão do peso das regras cotidianas. Enquanto que o segundo tipo é a transcendência propriamente religiosa, pois manifesta a intuição da “*redenção verdadeira*”, da existência de uma realidade não transitória, a qual sempre foi o objeto da busca religiosa. Esse tipo de riso remete à renovação do mundo, à abolição de todas as infelicidades. As duas formas de transcendência não estão uma na continuidade da outra, pois nem toda comicidade remete à transcendência verdadeira, por isso nem todo humor é transcendente no mesmo sentido.

#### AVALIAÇÃO CRÍTICA DA TEORIA DO RISO REDENTOR DE BERGER APLICADA AO NOVO TESTAMENTO

O crítico literário britânico, Eagleton (2020), escreveu o mais recente livro significativo sobre a comicidade, o qual se intitula *Humor*. Muitas noções que os estudiosos mencionados acima desenvolveram sobre a comicidade são compartilhadas também nessa obra. Eagleton trata explicitamente do carnaval como uma manifestação

do cômico, também descreve a comicidade como uma eventualidade temporal e não deixa de mencionar suas manifestações particulares que se caracterizam pela violência. Além disso, como é característico na linguagem de Eagleton, notamos certa ironia quando o intelectual trata das obras de Freud e Bergson. Diante da leitura de *O Riso Redentor*, chama-nos atenção o modo como Eagleton (2017) expressa sua compreensão da construção social da realidade, um entendimento que está muito próximo daquele que se tornou conhecido e reconhecido como clássico no domínio da sociologia da religião por meio da reflexão produzida por Berger e Luckmann (1974). Também é interessante notar que, como Berger, o professor britânico entende o humor como uma trégua à dureza e exaustão da fatídica existência humana. Tanto um quanto outro efeito – isso é, a construção social da realidade e a eventualidade – são apontados na obra de Eagleton (2020, p. 23) para descrever a comicidade:

*A construção da realidade social é um negócio cansativo que exige esforço prolongado, e o humor nos permite relaxar nossos músculos mentais. É como se, por baixo de nossas faculdades mais racionais, existisse um subtexto mais sombrio, desganhado e cínico que acompanha nosso comportamento social convencional em todos os momentos e que, ocasionalmente, emerge na forma de loucura, criminalidade, fantasias eróticas ou em exuberante jorro de espirituosidade.*

Ao mencionar “as faculdades racionais e seu subtexto mais sombrio”, Eagleton, à semelhança de Berger, presume a existência das ditas “províncias finitas de significado”, mesmo sem usar esse termo, pois também em ambos os casos a ideia expressa com ou sem o conceito explicitamente mencionado está relacionada com a faculdade humana do conhecimento como estrutura construída socialmente, a qual é composta pela realidade suprema, a que se refere à vida cotidiana, e por realidades que se manifestam temporariamente.

Sabe-se que a teoria da construção social da realidade tem sua pré-história, a qual Berger remete à sociologia do conhecimento, cujo surgimento da nomenclatura se deu na Alemanha em 1920, por meio do filósofo Max Scheler. Não por acaso, ambiente e momento em que efervescia o neokantismo, no qual se destacava a proposta de Ernst Cassirer sobre a filosofia das formas simbólicas, que propõe que a realidade seja construída por símbolos, que são elementos que intermediam a relação do ser humano com os objetos e assim objetivam a realidade (CASSIRER, 2012).

Não vamos nos dedicar a entender a relação que existe entre essas teorias, isso não nos interessa no momento. Ao invés disso, apenas queremos destacar que há um chão teórico comum que sustenta as diferentes teorias em uma estrutura razoavelmente parecida. Assim há várias descrições particulares para a proposta de ‘construção da realidade’, quer sejam fundamentos sociológicos, filosóficos, teológicos ou ainda de outras áreas das humanidades. Não interessa, a estrutura teórica é parecida ainda que os conceitos sejam diferentes.

Quanto ao riso transcendente propriamente dito, Eagleton afirma o seguinte:

*Como veremos, a comédia, no sentido metafísico do termo, reflete a quase mística garantia de que, a despeito das aparências em contrário, tudo está fundamentalmente bem com a humanidade. O Novo Testamento é um documento cômico nesse sentido, embora esteja consciente de que o preço de tal fé é assustadoramente alto (2020, p.33).*

Note que Eagleton utiliza-se do adjetivo “metafísico” para se referir ao que Berger nomeou de transcendente. Além disso, o crítico literário também relaciona o Novo Testamento à comicidade. Não apenas isso, mas também considera que a manifestação dessa comicidade remete à fé.

Quanto ao cômico no Novo Testamento, Eagleton (2020, p.130) declarou: “É verdade que o Jesus retratado no Novo Testamento dificilmente se destaca por seu senso de humor”, mas deve-se levar em conta que ele também afirmou que “a comédia nem sempre é engraçada” (2020, p.53). Sobre essas afirmações, podemos concluir, no mínimo, que uma afirmação relativiza a outra.

A diferença entre a comédia e o engraçado é fundamental para compreender o cômico no Novo Testamento. Repare, por exemplo, que o lugar comum da comédia, ‘o final feliz’, com frequência não é engraçado, mas é marca típica do gênero. Assim podemos observar que o Apocalipse canônico não provoca necessariamente o desejo de rir em seus leitores, mas é constituído por uma ironia, de acordo com a qual, apesar das aparências, Deus está no controle de tudo e no final tudo dará certo para os justos (grupo no qual o leitor ideal se inclui).

Berger (2017) afirmou que não há sequer uma menção direta à loucura sagrada na Bíblia e que no livro sagrado dos cristãos só se encontra o riso cômico com muita dificuldade. Mesmo assim, sobre essa busca pela comicidade no Novo Testamento, deixa uma brecha sobre a possibilidade de encontrá-la:

*De um modo geral, pode-se dizer, com alguma justiça que a busca pelo riso cômico, na literatura bíblica, é bem sucedida apenas quando envolve interpretações um tanto mais elaboradas. Na melhor das hipóteses, ele é implícito mais do que explícito (BERGER, 2017, p.331).*

Mesmo sem explorar ideias pontuais e específicas, temos em Eagleton (2020), farto material que aponta para esse assunto, tanto no livro *Humor*, que estamos citando ao longo desse ensaio, quanto em sua apresentação dos evangelhos canônicos em *Jesus Cristo e os Evangelhos* (2009). Eagleton exemplarmente produziu uma interpretação bem elaborada que mostra a comicidade como elemento implícito no conteúdo do Novo Testamento como Berger insinuou que seria necessário para compreendê-lo.

Vejamos uma de suas descrições do efeito da comicidade nos evangelhos:

Jesus e seus camaradas plebeus não trabalham, são acusados de beber e comer demais, vagueiam descalços e malvestidos pelas margens da ordem social convencional e, como os espíritos livres do carnaval, não pensam no amanhã. Como uma paródia doentia do salvador (a noção de um Messias crucificado teria parecido uma obscenidade moral para os judeus da antiguidade), Jesus entra em Jerusalém, o bastião do poder imperial romano, montado em um burro e, tendo sido abandonado por seus camaradas, é deixado para enfrentar uma morte ignóbil, reservada pelos romanos somente aos rebeldes políticos. E, no entanto, a folia da cruz se prova mais sábia que a sabedoria dos filósofos. O poder intimidador da Lei é vencido, os mansos herdaram a terra, o sublime se torna carne e sangue humanos, as verdades sagradas são ditas na língua simples dos pescadores e camponeses e a fraqueza se prova a única forma duradora de força (EAGLETON, 2020, p.130).

Curiosa a comparação entre os apóstolos e os “espíritos livres do carnaval”, assim como soa estranho chamar de “folia” o terrível evento da cruz. Como presume Berger, somente uma leitura elaborada permite tais interpretações que, todavia, se mostram plausíveis aos conhecedores da teoria do “riso carnavalesco” bakhtiniano.

Em época posterior ao período que Berger acessou os livros de Bakhtin em suas pesquisas, a compreensão sobre o carnaval bakhtiniano avançou significativamente. A carnavalização passou a ser compreendida como uma manifestação simbólica, que, diferentemente de um evento histórico concreto, deve ser recebida como procedimento hermenêutico para interpretação de elementos da cultura, dentre os quais está a literatura, embora não se aplique somente a ela.

Umberto Eco já tinha reconhecido o potencial simbólico do carnaval bakhtiniano desde a década de 1980, quando escreveu seu artigo *Los marcos de la 'libertad' comica* (1989). O historiador russo Aaron Gurevich insistiu no aspecto não histórico do carnaval de Bakhtin (2000), assim como fizeram mais recentemente Renfrew (2017) e Brandist (2012), que são estudiosos do pensamento de pensador russo.

Mesmo que o carnaval seja considerado em sua manifestação simbólica, Eagleton (2020, p.34) reconhece Bakhtin como “[...] o maior dos filósofos modernos da comédia”, por isso o carnaval é uma visão de mundo fundamental para se conhecer o evangelho, segundo o crítico literário britânico:

*Como o carnaval, os evangelhos combinam a alegria da libertação com certa violência e intransigência de espírito. As imprecações de Jesus, dirigidas contra respeitáveis figuras religiosas que colocam fardos adicionais nas costas dos já extremamente oprimidos, são tão aterrorizantes quanto as de Rabelais, embora não tão divertidas. Também há um veio de comédie noire no cristianismo. Deus envia seu único filho para nos salvar de nosso infortúnio, e como demonstramos*

*nossa gratidão? Nós o matamos! Isso foi uma demonstração consternadora de falta de bons modos (EAGLETON, 2020, p.131).*

Exegetas tradicionais, como Vincent Taylor (1963) e Ched Meyers (1992) já tinham associado a entrada de Jesus em Jerusalém aos carnavais de rua há muito tempo. A diferença é que a partir da aplicação da teoria do carnaval de Bakhtin a essa narrativa, a leitura de textos como esse – da entrada de Jesus em Jerusalém – ganha contornos filosóficos e profundidade existencial, pois associa o carnaval ao transcendente, como querem Berger e Eagleton.

Acrescente-se ainda que o carnaval não está na superfície no que diz respeito à estruturação hermenêutica do Novo Testamento, antes deve ser visto em sua essência. De acordo com Eagleton (2020, p.130): “O *bathos* carnavalesco jaz no âmago do cristianismo, uma vez que a assombrosa questão da salvação desce à terra na forma da ocupação banal de cuidar dos doentes e alimentar os famintos”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente texto, em primeiro lugar, situamos a livro *O Riso Redentor* na obra de Berger (2017), com a finalidade de mostrar que a teoria sobre a comicidade não é um apêndice ao pensamento do autor, antes está inserida em sua construção teórica sobre a sociologia do conhecimento e sociologia da religião, que, na verdade, integram-se ao longo da exposição de sua teoria vista de um ponto de vista amplo.

Em seguida realizamos a apresentação do conteúdo de *O Riso Redentor* (2017), na qual demos destaque ao conteúdo do Novo Testamento, tanto aos evangelhos quanto aos textos paulinos que foram citados para compor a teoria central do livro mencionado, a qual relaciona a comicidade à transcendência.

Na sequência, que está na terceira parte do artigo, propusemos uma avaliação crítica da leitura que Berger faz do material do Novo Testamento e, em certos aspectos, de sua teoria sobre o cômico. Isso foi possível a partir da proposta teórica assemelhada à de Berger que foi feita por Eagleton. No caso, as teorias de Berger e Eagleton são consideradas semelhantes porque ambas relacionam a comicidade à transcendência e por outros aspectos comuns nas duas teorias que mencionamos acima.

Como uma espécie de ligação entre as teorias sobre a relação entre a comicidade e a transcendência de Berger e Eagleton aparece a teoria de Bakhtin sobre o carnaval, como efeito simbólico que altera a realidade. De algum modo a proposta bakhtiniana é iluminadora tanto para uma quanto para outra teoria. Apesar de não figurar explicitamente entre as principais leituras de Berger, o autor russo tem sua construção teórica, por outro lado, reconhecida por Eagleton.

No que diz respeito à importância do conteúdo estudado, destaca-se a relevância de assimilar a compreensão da comicidade ao Novo Testamento sem que isso signifique qualquer desprestígio ao livro sagrado dos cristãos, uma vez que,

segundo as teorias apresentadas, o riso é um sinal da realidade porvir em que não há sofrimento nem desigualdade, a mesma que sempre foi aspirada pela religião. Portanto, de acordo com essa concepção, o riso é a própria manifestação do sagrado.

*THE REDEEMING LAUGHTER IN THE NEW TESTAMENT: COMIC EXPERIENCE AND TRANSCENDENCE IN NEWTESTAMENT TEXTS*

**Abstract:** *this essay contains a proposal for a critical reading of Peter Berger's The Redeeming Laughter, a work in which we are dedicated to understanding the author's approach to New Testament material to build his theory on the relationship between transcendence and comicity. Then, in the article, a critical evaluation of this reading that Berger made of the gospels and texts of the apostle Paul is carried out. In order to carry out this evaluation, we used the work Humor recently written by Terry Eagleton, which reaches conclusions significantly similar to the content proposed by Berger in his book, especially with regard to the relationship between transcendence and comicity.*

**Keywords:** *Laughter. Comicality. Berger. New Testament. Transcendence.*

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica do riso*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985

BERGER, Peter L. *O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter L. *Um Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Antropologia, 4. Trad. Waldemar Boff. Petrópolis, Vozes, 1973.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Antropologia, 5. 2. ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin: Novas perspectivas na história intelectual*. Trad. Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: Uma introdução a filosofia da*

- cultura humana. (Col. Biblioteca do pensamento moderno). 2. ed. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- EAGLETON, Terry. *Humor: O papel fundamental do riso na cultura*. Alessandra Bonruquer Rio de Janeiro: Record, 2020.
- ECO, Umberto. Los marcos de la ‘libertad’ comica. In: ECO, Umberto; RECTOR, Monica. ¡*Carnaval!* Tezontle: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- FREUD, Sigmund. *O Chiste e sua relação com o Inconsciente*. Trad. Fernando Costa Matos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GUREVICH, Aaron. Bakhtin e sua teoria do carnaval. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman [org.]. *Uma História Cultural do Humor*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p.83-92.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. Trad. João Paulo Monteiro e Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LUCKMANN, Thomas. *A Religião Invisível*. Trad. Cláudia Dornbusch. São Paulo: Olho d’Água/Edições Loyola, 2014.
- PLESSNER, Helmuth. Lachen und Weinen. In *Philosophische Anthropologie*. Frankfurt: Fischer, 1970.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*. Vol. II The Hague: Nijhoff, 1964.
- TAYLOR, Vincent. *The Gospel According to St. Mark*. New York: St. Martin’s, 1963.
- ZIV, Avner. *Personality and Sense of Humor*. New York: Springer, 1984.